

Proposta de mediação de leitura para a obra infantil *Indo não sei aonde buscar não sei o quê*

Flávia Brocchetto Ramos
UCS/UNISC
Neiva Senaide Petry Panozzo
UCS
Greyce Dal Picol
UCS

Pesquisas sobre a realidade educacional brasileira, como ENEM e PISA, apontam a existência de dificuldades de leitura pelos alunos. Nesse sentido, a investigação *Formação do leitor: o processo de mediação do docente* pretende contribuir na mudança desse quadro, através da criação de práticas de mediação. Na primeira fase, o projeto de pesquisa tem por objetivo investigar processos mediadores de leitura de textos literários infantis, desenvolvidos no ambiente escolar, nas séries iniciais do Ensino Fundamental e na biblioteca escolar. O *corpus* é constituído por registros de formas de dinamização de bibliotecas escolares e aulas de leitura de textos literários em turmas de terceira série. Esses dados ainda estão sendo analisados a partir de pressupostos teóricos dos campos da Educação e da Literatura, incluindo estudos de Chartier (2002) e Larrosa (2003) sobre texto e práticas leitoras, de Iser (1996) sobre o lugar do leitor na recepção de textos literários, de Zilberman (1998) sobre a natureza da literatura infantil e de Feuerstein (2002) sobre o processo de mediação. A partir dessa análise, objetiva-se elaborar princípios e estratégias para o processo de mediação de leitura do texto literário infantil, a fim de qualificar a interação entre objeto de leitura e sujeito leitor, no período inicial de escolarização. A etapa posterior da investigação implica a elaboração e aplicação de roteiros de leitura.

Neste estudo, pretende-se analisar aspectos da aplicação do roteiro de leitura do livro *Indo não sei aonde buscar não sei o quê*, de Ângela Lago, em uma turma de terceira série do Ensino Fundamental, numa escola pública,

localizada na periferia de Caxias do Sul. Consideram-se como focos de análise a natureza do diálogo estabelecido entre professor e alunos e o modo como se dá a recepção da obra pelas crianças.

Vivência da leitura na escola

Indo não sei aonde buscar não sei o quê, da autora mineira Ângela Lago (2000), é um livro cujo formato quase quadrado da capa lembra um invólucro para algo precioso que está guardado. Ela já significa e vai orientando a percepção do leitor. O título surge emoldurado por uma superfície em vermelho escuro que, aparentemente, embrulha, envolve algo pela cor que se repete na parte interna até a página de guarda. Esse espaço é rompido pela etiqueta branca centralizada, contendo autor, ilustrador e título. As letras iniciais de cada palavra do título estão em vermelho, do mesmo tom da capa. Logo abaixo do título, no pé da etiqueta, aparece o logotipo da editora, mas em posição vertical. Tais aspectos do campo da visualidade apontam para uma subversão da ordem tradicional.

Esses elementos foram considerados na elaboração do roteiro de leitura da narrativa (SARAIVA, 2001), o qual foi construído pela equipe da pesquisa e readequado ao grupo de estudantes de uma classe de terceira série, buscando instrumentalizá-los para ler e perceber, em especial, um aspecto inerente a essa construção discursiva que é a transformação do personagem, neste caso, evidenciada por palavra e ilustração. A organização do roteiro teve três etapas básicas, com atividades pontuais para cada um dos momentos: a) introdução à recepção do texto, b) leitura compreensiva e interpretativa do texto, c) transferência e aplicação do texto.

Na obra em questão, focamos um aspecto da história, o personagem herói e seu processo de transformação. Em cada momento do roteiro, as proposições almejavam auxiliar aos estudantes a perceber o personagem, sua caracterização, atuação no enredo e processo de transformação. Para desencadear a recepção do texto, as crianças foram indagadas sobre quem faz as ações numa casa, quem age nos desenhos animados, quem age nos contos

de fadas. Pela respostas, destacou-se o papel da personagem, em especial, do herói. Levantaram-se hipóteses para as ações correspondentes a um príncipe, a uma princesa e a um diabo. As crianças são convidadas a desenhar esses três personagens. Na seqüência, a professora lê a história e depois solicita que busquem no painel os personagens desenhados que sejam parecidos com os personagens da história.

Os exercícios da leitura compreensiva e interpretativa focam a caracterização de Seinão e o modo como esse atua em diferentes cenários. Visualidade e palavra configuram o personagem, de modo que o leitor é convidado a observar que há uma mudança na localização espacial do protagonista nas páginas do livro. Quando o estado do personagem é frágil, ele aparece sempre à esquerda e, à medida que vai se tornando esperto, após a chegada ao inferno, muda de lado e fica do lado direito, como também passa a movimentar-se com liberdade em oposição às imagens estáticas do início da narrativa.

No exercício de transferência e aplicação espera-se que o aluno associe cores aos estados do protagonista, valendo-se de material diverso.

Discussões acerca da aplicação do roteiro

Dentre os pontos fundamentais da aplicação do roteiro, constatou-se o interesse geral pelo personagem secundário, o diabo, e não pelo protagonista, o menino. A cada leitura realizada, os alunos mantiveram a atenção dirigida para entender a atuação desse personagem, entendido como malévolo. Houve um estranhamento pelo fato de que um ser tão temido passasse a ser enganado pelo bobo da história. Os leitores se dão conta que o diabo não desempenha seu papel tradicional, passa da condição de enganador a enganado.

A percepção da inversão de papéis se concretiza no exercício em que as crianças identificam os respectivos personagens e ações em várias páginas do livro, mostrando quem aparece e o que faz, no começo e no fim da obra. Os comentários dos alunos refletem seu entendimento em frases como: “mudaram as coisas, as posições. Seinão trocou de lugar, porque ficou esperto” ou

“enquanto o diabo dormia e cantava, Seinão embaralhava os arquivos, fazendo com que um ficasse esperto e o outro ficasse bobo”. Esta última afirmação expressa que os papéis se invertem e a transformação é realizada. O bobo passa a ser um vencedor e o esperto passa a ser bobo.

Os questionamentos da professora estimularam as crianças a perceber a diferença entre os termos “trouxa e embrulho”, que determinam diferentes significados, atuando no processo da mudança do personagem principal. Ao serem perguntados: “Quando Seinão usava trouxa?”, de imediato chega a resposta: “Quando os outros riam dele!”. Na seqüência, é colocada a pergunta: “Quando Seinão usava o embrulho?”. Muitas respostas são ouvidas, e todas ajudam na percepção da transformação que o embrulho pode significar para o personagem central. Por exemplo, “quando ele fugiu do diabo pelo que tinha bagunçado no computador”, “quando se casou com a princesa”, “quando ele era esperto” ou “quando ele embrulhou os outros personagens: a princesa e o diabo”.

Outros elementos que se destacaram nesta aplicação foram a noção de tempo e de espaço, que, para os alunos, foram imprecisos e difíceis de serem interpretados. A imprecisão do que seria “a temporada no inferno” gerou uma série de respostas, dúvidas e até mesmo certo tumulto. Foram registradas respostas como: “Passaram muitos anos, mas não muitos, porque Seinão não estava de bengala”, “Demorou uma temporada; pode ser muito tempo ou pouco, mas parece muito” ou “Só olhando, a temporada parece rápida, mas se for ler parece mais devagar”. Notou-se também que uma das crianças, para descrever o tempo passado, usou o critério de quantas páginas se passaram no inferno. Essa afirmação ressalta que a duração do tempo decorrido é duvidosa e recebe várias interpretações. Nesse momento, a professora intervém, provocando a dúvida sobre a contagem do tempo relacionada ao número de páginas. A atuação docente serve como balizadora do processo de pensamento, de criação, de expressão, de confrontação de hipóteses; é uma âncora para o leitor iniciante.

O lugar apresentado na obra não é caracterizado como um cenário tradicional dos contos infantis, tanto nas imagens, quanto na verbalização. O livro traz uma imprecisão já no seu título “Indo não sei aonde buscar não sei o quê”, que apresenta algo indefinido. Porém, o local que logo é percebido pelos os alunos é o inferno, que se assemelha a uma fábrica e se mostra como o único lugar definido na obra pela união da ilustração e da palavra.

Os personagens são fundamentais na constituição da narrativa. Desse modo, roteiro aborda a caracterização dos personagens e a motivação é desencadeada por uma conversa e questionamento, pelo docente e pela representação gráfica de idéias elaboradas pelos alunos. A conversa inicia por questões que provoquem representações das crianças sobre a aparência de como seria um príncipe, uma princesa e o diabo. A exploração das percepções sobre os personagens é explicitada, por exemplo, em respostas como: “Eles têm coroas; são mandões; ricos; usam roupas estranhas; moram no castelo; tem mordomia”. Quando surge a pergunta “Como são as princesas?”, a resposta é unânime: “Bonitas, com vestido de noiva comprido”. No momento em que a professora questiona qual a visão deles sobre o diabo, o interesse cresce, todos querem responder. Diante da multiplicidade de respostas, as características comuns podem ser sintetizadas pelo fato de “ele é chifrudo; com rabinho; espinhos nas pernas; tem um garfo... tridente; e é vermelho!”. Todas as descrições foram aceitas demonstrando a convergência de idéias na construção do estereótipo desse personagem e também da construção social e cultural dessa imagem.

Os desenhos das crianças também mostram que as crianças compartilham opiniões semelhantes, ressaltando-se a presença de estereótipos que se fazem presentes em seu imaginário: as princesas são belas, vestem longos vestidos, possuem cabelos compridos, a maioria é loira; o diabo é vermelho e usa o tridente; o príncipe é elegante e cobre-se de jóias.

Vários exemplares foram distribuídos entre grupos de alunos para exploração inicial e leitura. O contato com as imagens gerou muitos comentários, pela falta de correspondência entre o que foi desenhado e o que

era visto no momento. Alguns se defrontam com o fato de o diabo não ser vermelho, bem como chama a atenção de que ele aparente é um preguiçoso, conforme as constatações: “Olha o *tipo* do capeta... tocando viola!”. A indignação é expressa na pergunta: “Por que o diabo não é vermelho?”. As imagens do texto geram conflito, pois não coincidem com o imaginário do aluno.

A professora potencializa o processo de comparação entre o que foi produzido graficamente e aquilo que a obra apresenta: “O príncipe da história é parecido com os outros?”. As respostas ressaltam características importantes para esses leitores. A percepção das crianças vai além da aparência e as falas indicam expectativas em relação às atitudes desses personagens, como: “Os príncipes não falam *seinão*, eles falam palavras chiques” e “Não, porque ele é medroso, baixinho e burro!”, contrariando o que seria esperado de um príncipe.

Na continuidade das observações, o conceito de desconhecido é logo entendido e destacado na conversa dos estudantes. No caminho percorrido pelo personagem principal rumo ao desconhecido, Seinão se lança sem receio e sem destino, indo não sabe aonde buscar não sabe o quê. A imprecisão da história é bem percebida, desde a apresentação do título e da capa. Nesse momento a professora pergunta se seria possível ter alguma idéia sobre o que a obra iria contar. A resposta é unânime: “Não dá para perceber, nem pela imagem, nem pelo título”. Esse é um elemento motivador de curiosidade, e gera o desejo de seguir na descoberta do lugar aonde o personagem irá e o que ele buscará.

Após a leitura, a maioria das crianças mostrou-se decepcionada, mas continuou demonstrando curiosidade sobre o final, pois não foi revelado o conteúdo do embrulho carregado por Seinão. Um dos leitores disse: “Essa história é pega-trouxa, porque não conta o que tem no embrulho”. Uma menina, muito atenta em relação ao que o personagem levava, diz: “Fiquei curiosa com o embrulho... o que tinha dentro dele?”. Essas observações demonstram como o leitor iniciante busca a certeza, não se satisfaz com um final impreciso. Isso confunde, decepciona, faz com que tente buscar uma explicação para o não-revelado. O fato de ser uma “história pega-trouxa” cria muitas incertezas, de modo que a narrativa não seja apreciada pelo grupo.

Em relação às atividades propostas pelo roteiro de leitura, notou-se que o tempo necessário para a resolução das atividades foi muito extenso. Cada encontro desenvolveu-se por aproximadamente três horas, abrangendo em torno de nove horas de aplicação, o que se configura como um tempo excessivo, considerando as características dos leitores iniciantes, e mesmo para aqueles mais competentes.

No primeiro encontro, as crianças participaram muito bem, respondiam às questões, colaboravam com a aula e estavam sempre atentas a qualquer indagação. Porém, no segundo houve uma série de reclamações, pelo fato de que a leitura da obra deveria ser realizada novamente. A conversa aumentou muito, houve desentendimentos entre colegas de um mesmo grupo e pouca vontade de realizar as atividades propostas. Todos esses aspectos reunidos desviaram a participação da turma. Portanto, uma estratégia para exploração da leitura de um texto de literatura infantil pode tornar-se maçante e desviar-se de seu principal objetivo, que é a instrumentalização para efetivar o diálogo com o texto.

Tomando por base as observações de sala de aula, buscou-se focar o modo de aplicação de roteiros e sua abordagem. Nota-se que os alunos apresentam uma série de restrições em relação à leitura da literatura, a qual é percebida como uma obrigação. Iniciativas isoladas pouco contribuem para a formação do leitor literário. É necessária a constância. A instrumentalização para a leitura passa por uma boa seleção da obra literária, pelo planejamento adequado e pela presença constante do texto literário na escola, como um enigma a ser desvendado pelo leitor. Excessos de tempo e aprofundamento fogem aos princípios norteadores de uma experiência de aprendizagem mediada, que considera em primeiro lugar as características do leitor e de ações que lhe sejam significativas. Desse modo, o estudante aprende que uma obra literária pode ser lida várias vezes sem que a leitura se torne cansativa, porque em cada leitura se constroem sentidos não percebidos numa primeira interação.

Referências

LAGO, Ângela. *Indo não sei aonde buscar não sei o quê*. Belo Horizonte: RHJ, 2000.

SARAIVA, Juracy A. *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.